Capítulo III

Breves notícias sobre a freguesia de N. S. do Bom Despacho

Sônia Queiroz

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

QUEIROZ, S. Breves notícias sobre a freguesia de N. S. do Bom Despacho. In: *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga* [online]. 2nd ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, pp. 34-50. ISBN: 978-85-423-0305-6. <https://doi.org/10.7476/9788542303056.0006>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

BREVES NOTÍCIAS SOBRE A FREGUESIA DE N. S. DO BOM DESPACHO

O fazendeiro mais rico do município de Pitangui pertence àquela Freguesia (de Bom Despacho); e ali, fazendeiros de 10, 15 e 20 escravos são encontrados de légua em légua.

*Gustavo Xavier Capanema*¹

Situado na Zona Oeste de Minas Gerais, entre os rios São Francisco e Lambari, o município de Bom Despacho dista 140 Km em linha reta da capital do Estado, à qual se liga pela BR-262. A população, que em 1970 era de 27.298 habitantes, dedica-se sobretudo à agropecuária. Os principais produtos agrícolas são o milho e o arroz, e os principais rebanhos, o bovino e o suíno. A indústria extrativa também contribui para a economia municipal, produzindo cristal de rocha, lenha, dormentes e cascas taníferas.²

Embora tenha sido elevada à categoria de município e vila somente neste século, a 30 de agosto de 1911, Bom Despacho possui uma história que começa por volta da metade do século XVIII e se liga intimamente a Pitangui, uma das primeiras vilas do ouro, à qual pertenceu até o ano de 1880.³

Segundo a tradição registrada pelo Pe. Nicolau Ângelo del Duca em 1886 no Livro do Tombo da Paróquia,⁴ o povoamento da região de Bom Despacho tem início com a chegada de quatro portugueses:

¹ Discurso proferido na Assembléia Provincial, em 8/7/1872. Citado por RODRIGUES. *História de Bom Despacho*, p.98.

² Cf. IBGE. *Município de Bom Despacho*, 1978. FERREIRA. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*, p.205-208.

³ Cf. RODRIGUES. *História de Bom Despacho*, p.103.

⁴ Ibidem. p.109-111.

Manoel Picão Camacho, Domingos Luiz de Oliveira, Manoel Ribeiro da Silva e o Pe. José Hermenegildo Vilaça. O primeiro, genro do célebre “Velho da Taipa”,⁵ teria chegado ali por volta de 1730. Os outros três, deportados por Pombal, em 1775 aproximadamente.

As fazendas de dois deles, Domingos Luiz de Oliveira e Manoel Ribeiro da Silva, “eram contíguas, ficando intermediário, equidistante e divisório entre elas um lugar (...) formado por três colinas unidas (...), e aí haviam eles fincado seus marcos de divisa (...)”.⁶ E aí também é que eles se encontravam “a miúde, por ocasião de suas caçadas”.⁷

Ainda segundo o Pe. del Duca, “foi esta a localidade que Domingos Luiz de Oliveira e Manoel Ribeiro da Silva escolheram e designaram para o estabelecimento de uma aldeia, cuja iniciativa deram pela ereção de uma pequena ermida, que ficou coberta de capim (...)”.⁸ O nome da capela ficou sendo Nossa Senhora do Bom Despacho do Picão, numa dupla homenagem: à virgem do Bom Despacho — a quem pediam a proteção da aldeia e o perdão do rei português, para que pudessem voltar a seu país — e a Picão Camacho, o primeiro homem a fixar residência naquelas paragens.

A essa versão, fundada na tradição oral, o prof. Laércio Rodrigues, depois de vasculhar arquivos de cartórios e igrejas, opõe a sua *História de Bom Despacho*,⁹ que começa não com casos de caçadas de veados e pedidos de indulto, mas com o fim do sonho do ouro e das pedras preciosas em Minas Gerais.

Ocorre que no início da segunda metade do século XVIII as minas de Pitangui já não produzem quase nada. É então que a vila passa a exercer “poderosa influência na marcha povoadora e no movimento da colonização da vasta zona mineira então submetida à sua jurisdição espiritual e temporal”.¹⁰ Dali saíram mineradores e também aqueles que viviam indiretamente da garimpagem, à cata de novos meios de sobrevivência. Tem início, assim, a “corrida

⁵ Antônio José Velho, paulista que se estabeleceu em Pitangui na primeira metade do século XVIII, tornando-se famoso pelo despotismo no trato com seus subordinados.

⁶ RODRIGUES. *História de Bom Despacho*, p.110.

⁷ Idem.

⁸ Idem.

⁹ Ibidem. p.98.

¹⁰ Ibidem. p.9.

para os sertões”, em busca de terras adequadas à lavoura e à criação de gado.

Nessa nova fase da economia de Minas Gerais, é importante o papel desempenhado pelas estradas que vão sendo abertas sertão adentro. No que respeita à região entre o Lambari e o São Francisco, é de grande importância a Picada Pitangui-Piraquara-Paracatu, “que, cortando, no sentido leste-oeste, todo o território do atual Município de Bom Despacho, contribuiu para o seu povoamento, figurando Pitangui como o principal núcleo da expansão colonizadora”.¹¹

Dessa forma, no período compreendido entre os anos de 1755 e 1800, dezenas de pessoas, vindas sobretudo de Pitangui, dirigem-se para a região da atual Bom Despacho. Em 1765, segundo consta dos “Autos Incompletos de Medição da Sesmaria de Antônio Rodrigues da Rocha”, “já se contavam ali nada menos de 24 ‘fogos’ ou casas, cujos habitantes se dedicavam à criação de porcos, de gado bovino e cavalar. A atividade agrícola era secundária e só lavravam a terra esses pioneiros na medida exigida pelo consumo”.¹²

Quanto à primitiva capela coberta de capim, de acordo com documento encontrado por Laércio Rodrigues,¹³ foi fundada por Luís Ribeiro da Silva,¹⁴ “que lhe instituiu patrimônio em terras de sua fazenda, por escritura homologada por sentença de 26 de junho de 1767”.¹⁵ O mesmo Luís Ribeiro da Silva “requereu e obteve sua primeira provisão canônica, passada em data de 16 de novembro de 1771”¹⁶ e no ano seguinte a capela ganhava já seu primeiro capelão. Portanto, a fundação do povoado — que para o Pe. del Duca só se dá depois de 1775 — fica antecipada, no entender de Laércio Rodrigues, para o ano de 1770.¹⁷

¹¹ RODRIGUES. *História de Bom Despacho*, p.24.

¹² Ibidem. p.26-27.

¹³ TRINDADE, citado por RODRIGUES. *História de Bom Despacho*, p.51.

¹⁴ Segundo o prof. Laércio, Luís Ribeiro da Silva é o mesmo Manoel Ribeiro da Silva de que fala o Pe. del Duca. Teria havido, apenas, uma alteração do nome Luís para Manoel, na tradição oral. Cf. RODRIGUES. *História de Bom Despacho*, p.67.

¹⁵ RODRIGUES, op. cit. p.51.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Ibidem. p.61.

De 1763 data o mais antigo título de concessão de sesmaria encontrado pelo prof. Laércio, e o favorecido é o já citado Antônio Rodrigues da Rocha. Na petição, assinada em 1763, informa o solicitante que

em dois de maio de 1758, com S.M. Gabriel da Silva Pera, (...) Antônio Dias Nogueira, Domingos Gonçalves Viana perferirão 14 armas de fogo, cavallos de cargas pa. comerem e cortarão o Rio Lambary tê o Rio São Francisco a desflorar terras e campos para criar gado bacum e cavallar *estando este pedaço de sertão tê ali poboado de feras e negros do Mato*, e com efeito se situarão; que dipois entrou e veio entrando mais gente.¹⁸

O documento de Antônio Rodrigues da Rocha reveste-se de grande importância para este estudo, pois, além de conter a primeira referência à presença de negros da região de Bom Despacho, vem revelar que, na realidade, foram eles os primeiros povoadores daquelas terras. Atrás desses “negros do mato” é que vai entrando mais gente.

Em diversos outros documentos, Laércio Rodrigues encontrou registros de que, “no território compreendido pelos rios Lambari e São Francisco, eram numerosos os núcleos tribais de escravos fugidos”.¹⁹ Considerados sérios obstáculos ao processo do povoamento da região, esses quilombos eram combatidos por expedições que, para esse fim, se organizavam em Pitangui. Os expedicionários, “exterminando os quilombos das áreas enquistadas, ali lançam posses, alcançam sesmarias e estabelecem fazendas”.²⁰

Também Waldemar de Almeida Barbosa, em seu livro *Negros e Quilombos em Minas Gerais*, cita vários códices do Arquivo Público Mineiro em que se faz referência a quilombos nas cercanias de Bom Despacho. É o caso, por exemplo, do documento segundo o qual

o Alferes Bento Ribeiro, morador na paragem chamada Pará e Rio São João, freguesia de Pitangui, percorria em 1766, os matos de sua fazenda; ia com 2 camaradas brancos e 2 escravos. De repente, deram em um quilombo. Não podendo atacar, (...) regressou, convocou os capitães-do-mato de Itatiaiuçu, distante 14 léguas; com esses capitães-do-mato, mais camaradas e escravos, num total de 22 armas, foi atacado e destruído o quilombo e tudo o que nele

¹⁸ RODRIGUES. *História de Bom Despacho*, p.36. Os grifos são meus.

¹⁹ Ibidem. p.28.

²⁰ Idem.

havia: 14 ranchos de capim, roças de milho, feijão, algodão, melancias e mais frutas. Foi morto o rei, mas quase a totalidade dos negros conseguiu escapar”.²¹

Os quilombos são, pois, fator importante no povoamento da região de Bom Despacho: os negros, fugindo aos seus senhores, entram pelo sertão em busca de esconderijos onde se organizar como homens livres. Atrás deles vão os capitães-do-mato, que muitas vezes encontram pelo caminho lugares atraentes onde resolvem fixar residência. Foi o que aconteceu, por exemplo, com Francisco Ferreira Fontes, que, com autorização do governador Gomes Freire de Andrada,

entrou para o sertão entre o Lambari e o São Francisco, para dar combate a um quilombo. Gostou da paragem que descreveu como tendo “capacidade para se poderem cultivar aquelas terras para mantimentos como para criações e cavaliças”, aí se fixou; quinze anos mais tarde, pediu sesmaria das terras e a obteve.²²

Também o Capitão Inácio de Oliveira Campos, que tinha por ofício “limpar as estradas de ladrões e prender a negraria escapa em mocambos”,²³ por volta de 1760 “lançou posses na área que fica entre o Rio São Francisco, Córrego do Jacaré e Ribeirão dos Machados, em terras pertencentes aos municípios de Moema e Bom Despacho, conseguindo, em 06 de abril de 1764, sesmaria de três léguas na mencionada paragem”.²⁴

A toponímia é outra testemunha da proliferação de quilombos nas redondezas de Bom Despacho. Segundo Waldemar de Almeida Barbosa, menciona-se uma paragem chamada Quilombo em documentos de 1742, referentes à concessão de duas sesmarias na região: “a primeira, de Antônio Correia, situada ‘entre o caminho do Gama e dos Goiás’; e a segunda, ‘no meio do caminho do Gama e dos Goiás’, perto do ‘caminho antigo que vai de Pitangui para banda de Ibituruna’”.²⁵ Em 1789, o Alferes Antônio Roiz obtém sesmaria “no termo da Vila de Pitangui, no córrego chamado Quilombo, nas vertentes

²¹ BARBOSA. *Negros e quilombos em Minas Gerais*, p.68.

²² Ibidem. p.65.

²³ RODRIGUES. *História de Bom Despacho*, p.34.

²⁴ Idem.

²⁵ BARBOSA, op. cit. p.85.

do Rio São João”.²⁶ Ainda hoje, há na zona rural de Bom Despacho um lugar de nome Quilombo, que fica no antigo caminho para Pitangui.

O negro cativo desempenhou também um papel relevante no povoamento da região, pois a ele cabia todo o trabalho braçal necessário ao estabelecimento das fazendas de gado e lavoura que vieram substituir a garimpagem na economia de Minas Gerais:

(...) entrantes, principalmente de Pitangui, transpuseram o São Francisco e estabeleceram-se em suas sesmarias, de modo que, nos últimos anos do século XVIII e princípios do XIX, alguns outros povoados já existiam, do outro lado do São Francisco. Ninguém, porém, se atrevia a essas entradas, nem se estabelecia, a não ser que estivesse provido de muitos escravos.²⁷

Além disso, é importante observar que a concessão de sesmarias era vinculada ao número de escravos possuídos pelo requerente.²⁸

O discurso pronunciado pelo Deputado Gustavo Xavier Capanema em sessão ordinária da Assembléia Provincial de julho de 1872 constitui documento de valor com relação à presença expressiva de cativos em Bom Despacho. Em defesa do projeto-de-lei que apresenta na ocasião, em que propõe a elevação da freguesia de Bom Despacho à categoria de vila, o Deputado Capanema argumenta que em Bom Despacho estão fixados os fazendeiros mais abastados do município de Pitangui, sendo todos eles possuidores de grande número de escravos.²⁹

Ainda hoje, a presença dos negros cativos está documentada em algumas das fazendas mais antigas de Bom Despacho. Na fazenda do Sapé, propriedade da família Gontijo há várias gerações, embora já tenha sido demolido o muro de pedras secas levantado por escravos há aproximadamente 150 anos, conserva-se a casa-sede, construída também por eles, na mesma época (cf. Figura 3). A propriedade de José Fúlvio Cardoso possui ainda uma roda de madeira usada antigamente para castigar escravos, e a Fazenda Cachoeira, propriedade dos herdeiros de Antônio Lopes do Couto, conserva ainda três construções do período da escravidão: a casa-sede, um moinho d'água e um engenho de cana-de-açúcar (cf. Figuras 4, 5, 6, 7). A estrutura do

²⁶ BARBOSA. *Negros e quilombos em Minas Gerais*, p.21.

²⁷ Idem.

²⁸ BARBOSA. *Negros e quilombos em Minas Gerais*, p.166.

²⁹ Cf. RODRIGUES. *História de Bom Despacho*, p.98.

engenho retrata bem a relação senhor-escravo, com o balcão central de onde o feitor podia fiscalizar o trabalho dos negros em todas as etapas da fabricação do açúcar.

As fazendas Santa Rosa do Picão, Piraquara e Colônia, as duas últimas antigos patrimônios das famílias Cardoso e Pereira, respectivamente, foram outros núcleos importantes de concentração negra, segundo depoimento do prof. Nicolau Leite, bom-despachense de rica memória cuja mãe foi criada por negras da Fazenda Colônia. Grande interessado na história da cidade, o prof. Nicolau Leite possuía documentos importantes a respeito, como os manuscritos do Pe. Nicolau Ângelo del Duca, que salvou de uma “limpeza” feita na igreja matriz.³⁰ Além de documentação escrita e fotográfica, possuía também um vasto repertório de informações relativas à tradição oral de Bom Despacho, que incluía nomes e feitos de negros escravos ou a eles relacionados.

Destaca-se em seu depoimento a figura de Zacaria,³¹ escravo forte, “bom de serviço”, que, embora bebendo diariamente uma dose de cachaça, viveu entre 110 e 112 anos. O negro Zacaria, que é citado em outros depoimentos como um dos introdutores da Língua do Negro da Costa em Bom Despacho, era guia de bois e foi quem carreou as pedras para a construção do cemitério da cidade.

A longevidade é mencionada com referência a diversos negros citados nos depoimentos. Entre eles, Dicoberto é outra figura de destaque, igualmente ligada à introdução da Língua do Negro da Costa em Bom Despacho e que, como Zacaria, teria ultrapassado os 100 anos de vida.

Também merece nota a história de uma escrava da Fazenda Piraquara que, sendo filha do senhor, o Major José Antônio da Silva Cardoso, conseguiu mandar o filho para um seminário. Orgulhosa da idéia de ser mãe de sacerdote, repetia sempre: “Os salões da Piraquara não deram ninguém, mas a senzala vai dar padre.”

Há ainda o caso de Estanislau, capitão-do-mato que, com a abolição, passou ao ofício de seleiro, fabricando então, para amarrar animais, as mesmas cordas de couro que antes fabricava para laçar negros fugidos.

³⁰ Trata-se do Livro do Tombo da Paróquia de N. Sra. do Bom Despacho, em que se acham as “Breves Notícias...”, já referidas neste capítulo, na nota 4.

³¹ Citado em outros depoimentos — entre os quais o de Fiotinha, sua descendente — como Zé Caria.

FIGURA 3 - Fazenda do Sapé, propriedade de Paulo de Tarso Gontijo.
Detalhe da casa-sede, construída por escravos há mais de 150 anos.
FOTO: Élide Queiroz de Araújo

FIGURA 4 - Remanescentes do trabalho escravo na Fazenda da Cachoeira, propriedade dos herdeiros de Antônio Lopes do Couto. Detalhe lateral da casa-sede, cujas paredes, de pau a pique, se apóiam sobre uma base de pedra seca. FOTO: Élide Queiroz de Araújo

FIGURA 5 - Remanescentes do trabalho escravo na Fazenda da Cachoeira, propriedade dos herdeiros de Antônio Lopes do Couto. Engenho de cana-de-açúcar.

FOTO: Élide Queiroz de Araújo

FIGURA 6 - Detalhe do engenho: roda d'água.
FOTO: Élide Queiroz de Araújo

FIGURA 7 - Remanescentes do trabalho escravo na Fazenda da Cachoeira, propriedade dos herdeiros de Antônio Lopes do Couto. Moinho d'água.

FOTO: Élica Queiroz de Araújo

FIGURA 8 - Festa de Congado em Bom Despacho. O terno do Baiano, da Tabatinga, composto só de negros.
FOTO: Arquivo José Pessoa

FIGURA 9 - Igreja do Rosário em Bom Despacho, demolida por volta de 1930.
FOTO: Arquivo José Pessoa

Domingos Leite, irmão do prof. Nicolau, também citou em seu depoimento muitos nomes e histórias de escravos de Bom Despacho. Entre eles há alguns falantes da Língua do Negro da Costa, como Cesário, negro corajoso, da senzala da Fazenda da Colônia, e João do Neco, homem rude que, ignorando as questões de doutrina sobre as quais o interpelava o Pe. Nicolau³² durante a cerimônia de seu primeiro casamento, respondeu com uma adivinha curiosa, em que é evidente a referência às relações branco-negro: “Ocê tá com muita prosa, eu vô lhe fazê uma pergunta: quantos tição tem no inferno e quantos botão tem na casa-grande?”

Também nas festas populares é marcante a presença do negro, a quem Bom Despacho deve a introdução do Congado, que ali se realiza ainda todos os anos, por ocasião das festas de N. Sra. do Rosário, nos meses de julho e agosto (Figuras 8 e 9).

Originalmente realizado apenas por negros, o Congado, ou Reinado, como é mais conhecido em Bom Despacho, foi durante muito tempo condenado pela Igreja como festa pagã. Na realidade, de acordo com o depoimento de Onézimo Pontes — o Dunga —, capitão de terno³³ que construiu a Sede do Congado em Bom Despacho, faziam parte da festa o feitiço e a cachaçada. Dunga relata muitos casos de feitiçaria entre os congadeiros, alguns em que ele mesmo é objeto de feitiço, e cita o próprio avô, Amadeu Pontes, como “moambeiro respeitado”. Seduzida, entretanto, pela renda arrecadada pelo Congado, a Igreja acabou por incorporar a festa.

A fundação da Irmandade de N. Sra. do Rosário dos Pretos já em princípios do século XIX³⁴ é mais uma evidência da participação significativa do negro na história de Bom Despacho.

Quanto aos dados estatísticos sobre a população negra de Bom Despacho, os mais antigos que se conhecem datam de 1813. Por essa época, registrou-se ali um total de 1.532 habitantes, dos quais 973 eram pretos e mulatos, perfazendo um percentual de 63,51%, ou seja, mais da metade da população.³⁵ De lá para cá, o número de negros vem caindo: em 1872, a população de cor ainda ultrapassa os

³² Possivelmente o já citado Pe. Nicolau Ângelo del Duca.

³³ Assim se denomina o responsável por um grupo de congadeiros.

³⁴ Cf. RODRIGUES. *História de Bom Despacho*, p.83.

³⁵ Ibidem. p.80-81.

50%; mas em 1890 cai para 38,80% e em 1940, para 13,51%. Apenas em 1950 observa-se um pequeno crescimento para 20,81%.³⁶ Os recenseamentos que levaram em conta a cor dos indivíduos incluem os índios entre os pardos. No caso de Bom Despacho, porém, esses números correspondem ao de negros e mulatos, pois já “por ocasião da descoberta das riquezas auríferas de Pitangui (1709), o silvícola não se fazia presente na região ora estudada e pouquíssimos sinais há de sua eventual permanência ali, em outros tempos”.³⁷

No que diz respeito aos grupos africanos a que se ligam esses negros e mulatos, os dados disponíveis referem-se aos de Pitangui, no período de 1718 a 1723. Segundo artigo de Francisco Vidal Luna e Iraci del Nero da Costa,³⁸ verifica-se ali pequena diferença entre bantos e sudaneses, a favor dos primeiros. Os sudaneses não chegam a ser maioria em Pitangui, embora sua população aumente durante o período da mineração, o que se deve sobretudo ao crescimento das minas, da ordem de 283,1% (cf. Tabela 1). Até onde nos foi possível verificar, já que não é objetivo deste trabalho estabelecer a etimologia dos vocábulos africanos da Língua do Negro da Costa, os dados lingüísticos parecem confirmar o predomínio dos bantos na região.

Enfim, quer tenham predominado os bantos, quer os sudaneses, o negro desempenhou papel relevante no povoamento de Bom Despacho. Na condição de quilombola, adentrando o sertão em busca da liberdade, ou na condição de cativo, acompanhando seu senhor no estabelecimento de fazendas de criação de gado e lavoura, participou de modo ativo na formação da cultura regional. A Língua do Negro da Costa, como as festas do Congado, é documento vivo da presença marcante dos africanos e de seus descendentes na região.

³⁶ IBGE. *Recenseamento geral de 1972; Recenseamento geral de 1890; Censo demográfico de 1940; Censo demográfico de 1950.*

³⁷ RODRIGUES. *História de Bom Despacho*, p.14.

³⁸ LUNA, COSTA. *O Estado de S.Paulo*, 2 mar. 1980, p.6-7.

TABELA 1

Repartição dos escravos africanos da Vila de Pitangui,
segundo a origem, no período de 1718 a 1723.

GRANDES GRUPOS E "NAÇÕES"	ANO				
	1718	1719	1720	1722	1723
<i>Sudaneses</i>					
Mina	77	114	119	294	295
Cabo Verde	19	20	13	28	27
Outras	11	14	13	25	16
<i>Total de Sudaneses</i>	107	148	145	347	338
<i>Bantos</i>					
Bengala	36	40	38	59	69
Angola	15	30	28	59	74
Congo	40	63	59	131	108
Monjolo	16	21	23	37	28
Moçambique	07	09	07	14	13
Loango	12	18	23	42	26
Outras	07	09	16	21	23
<i>Total de Bantos</i>	133	190	194	363	341
<i>Total Geral</i>	240	338	339	710	679

FONTE: LUNA, COSTA. A presença do elemento sudanês nas Minas Gerais, p.7.